Django Livre como modelo do protesto negro

Augusto Paim¹

Freud, em 1937, apresenta a expressão “repúdio da feminilidade” como complemento ao conceito de Alfred Adler de protesto masculino, dupla essa denominada para dar conta da tendência universal do humano em extinguir a passividade inerente que nos constitui como seres faltantes e, assim sendo, desejantes.

Tomo aqui o termo “protesto” de Adler unicamente para realizar uma construção metafórica que proporciona um deslocamento entre protesto e movimento. É internacionalmente conhecido o trabalho do movimento negro em prol da luta por equidade racial, necessidade imposta pela marca histórica do racismo estrutural, que, mais recentemente, a partir de 2020, conquistou uma visibilidade mais proeminente no meio psicanalítico institucionalizado proporcionado pela difusão via redes sociais do Vidas Negras Importam (*Black Lives Matter*), que destacou mortes por violência racial como a de George Floyd (EUA) e José Alberto (Brasil).

A questão que esse novo momento impõe a pensar é algo além. A visibilidade das mortes negras é e continuará sendo fundamental na luta antirracista, mas há que se adicionar algo mais, uma nova ação psíquica, para que essa batalha não tenha fim em si mesma, reafirmando a hegemonia branca sobre os corpos negros ainda em nossa contemporaneidade.

Deste modo, ao se abordar a temática do que poderia ser definido como uma nova ação psíquica no imaginário social, um caminho possível seria revirmos a imagética que o negro possui dentro deste. Também em 2020, tivemos o curta *Dois estranhos*, produzido pela Netflix, como vencedor do Oscar, destacando a relevância do discurso negro frente à mortalidade a ele dedicada. Nesse sentido, qual modelo de sujeito negro poderia ocupar a civilização da pós-modernidade?

1. Psicólogo, psicanalista, membro associado do CEPdePA, membro do coletivo Psicanálise na Praça – Porto Alegre, idealizador do projeto @sigmundo no Instagram.

É pensando nisso que elenco a produção cinematográfica *Django livre*, filme do diretor Quentin Tarantino de 2012, como proporcionador de uma experiência polêmica – e por isso mesmo essencial – de um novo ideal para nossa cultura.

Django e Dr. Schultz, o negro e o branco, escravo e dentista, se encontram como caçadores de recompensas no faroeste tarantinesco para rediscutir, a luz do novo milênio, as questões sobre a cor em nossa sociedade. A proposta inicial nada contém de protesto, trata-se da velha passividade relegada ao povo preto de permanecer alienado, objeto vivo e racional da pulsão branca: Schultz precisa de Django para identificar seus próximos alvos e promete-lhe a liberdade, caso isso venha a acontecer, nada de novo. Todavia, tal proposta vai sofrendo uma deformação quando, ao cumprir a missão e a alforria, o dentista branco decide responsabilizar-se pelo negro: agora eles serão parceiros na busca por libertar a esposa de Django, Broomhilda, que segue como escrava em uma fazenda do antagonista Calvin Candie.

A primeira torção, de submissão à parceria, já poderia ser pensada como primeiro reconhecimento de alteridade. Reconhecimento este que se esgota na própria figura do Dr. Schultz, uma vez que não se encontrará na trama outra dinâmica entre negro e branco que não se construa em cima do sistema escravocrata.

Até seria possível pensarmos no personagem de Samuel L. Jackson, o velho Stephen, como uma figura que ocupa um lugar de destaque e goza de uma posição privilegiada em comparação com seus irmãos de cor: responsável pela governança da casa grande e conselheiro fiel de Candie. O que se mostra aí, contudo, é, na verdade, o cúmulo da servidão. Stephen representa, em palavra crua, um traidor, em palavras analíticas, o que lhe faltou foi justamente um potencial de traição. Se Stephen pudesse ter traído o registro que o constituiu, haveria alguma chance de não assumir a submissão como seu *status quo*.

O conselheiro está fixado em sua passividade originária, sem acesso ao repúdio necessário para fazer a primeira inversão fundamental que leva o sujeito do ser identificado para identificar-se, atividade inaugural de um psiquismo diferenciado. Em outras palavras, ao ser nomeado escravo e propriedade de um outro, assim permanecerá; uma vez que teme a verdade que, desde Édipo, sabemos que precisa ser desvelada: a verdade da castração. Deste modo, Stephen estagna em seu paradoxo. Nasce, cresce e provavelmente morre na fazenda de seu senhor, assim como seu pai, condenado a um destino pior do que o engolfamento completo pela pulsão de morte: uma não existência em vida.

Mas retornemos à dupla inicial. O pacto contratado pelos irmãos de cavalgada se estende por toda a narrativa, a clássica jornada de resgate à amada

é, sem sombra de dúvidas, o mote principal da história que acompanhamos. O ápice acontece no jantar com Calvin Candie, uma cena tensa, que transborda racismo científico e diálogos em blefe. O final, obviamente, é uma chacina protagonizada por Django, em que apenas este e sua prometida Broomhilda saem com vida. Neste ponto, duas vertentes se introduzem.

A primeira delas diz respeito ao ponto de virada, o momento em que a fala é substituída pelo ato e, conseqüentemente, pela matança. A negociação vinha muito bem, as máscaras – pretas e brancas – haviam caído e, ainda assim, o trio principal sairia ileso e com seu objetivo atingido. Acontece que Dr. Schultz não suporta. Ao ser obrigado a apertar a mão de Candie pela compra – no caso da negra Broomhilda – como fazem dois cavalheiros, ele o mata, desculpando-se com Django antes de ser ele próprio morto por um dos capangas do fazendeiro.

Este é o ponto de decepção. Nosso coadjuvante branco fiel denuncia com essa atitude a sua impotência frente ao sistema que o estruturou como sujeito. Em nome de uma suposta indignação colérica frente ao racismo explícito, ele entrega mais dois negros à crueldade branca, atestando a hipocrisia de seus pressupostos éticos e, principalmente, sua própria dimensão preconceituosa. O encontro com a racialização radical do outro branco traz à luz aquilo que dentro de si habita, mas que jaz há muito esquecido, vítima da amnésia estrutural do recalque. Candie é a verdade não dita de Schultz, escancarada a céu aberto e que, ao voltar neste molde tão expositivo, precisa novamente ser expurgada da consciência, assassinada para não ser vista, mesmo que, no instante em que isso se concretiza, a consequência direta e imediata seja sua confirmação.

Esse entendimento nos leva à segunda vertente anteriormente mencionada. O que faz Django com o lugar que o Dr. lhe relega? Ele nega. Virada surpreendente no destino final de um personagem negro. Complementando a postura marcada por Stephen, Django realiza a transição necessária para a verdadeira liberdade, não a da alforria, mas a da castração. O protesto de Django opõe-se à passividade que os senhores demandam dele e de seus pares. Schultz tenta encerrá-lo na morte que é dedicada a todo negro fujão, libertino ou agressivo, entretanto, o agora herói faz seu caminho de resistência às nomeações alheias, à domesticação de suas pulsões, ao impedimento de sua satisfação libidinal não inibida e garante, ao mesmo tempo, sua independência, sua agressividade e sua escolha objetal.

Que chamativa a decisão por este final. Não por sua estrutura, que respeita fielmente os modelos estabelecidos pela indústria do cinema, mas pela determinação de que um negro teria, desta vez, o famigerado final feliz; mais

ainda, frente ao branco hostil. Há algo de especial neste filme: um faroeste norte americano, inspirado em filmes italianos, dirigido por um branco, em suma, um instrumento sublimatório recheado de referências colonizadoras opta por dedicar este espaço a um negro. Django é um personagem que passa mais de duas horas em negativa, não de sua realidade inconsciente, mas da selvageria atuada por todos que com ele interagem. Condensa em sua criação o sucesso do protesto da negritude diante da objetificação e assujeitamento entendidos e impostos desde o viés da branquitude, inaugurando um novo ideal de eu para a população negra. Se não através de sua trajetória, que ainda é absolutamente atravessada pela violência, ao menos por sua imagem. Um espelho capaz de servir como alvo de identificações em potencial para o negro que vive, até a atualidade, sem ter conhecido um.

Referências

- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In: S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)* (Obras completas, v. 19, pp. 13-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1937).
- Tarantino, Q. (Direção). (2012). *Django livre* [Filme cinematográfico]. Estados Unidos: The Weinstein Company, Columbia Pictures.

Recebido: 30/09/2021

Aceito: 27/10/2021

Augusto Paim

Rua Felipe Neri, 457 sala 401 - Auxiliadora
Porto Alegre - RS - CEP: 90440-150
(51) 99866-2099
augusto.m.paim@gmail.com